

EDITORIAL

António Cruz Serra
Reitor da Universidade de Lisboa



A festa do teatro prossegue na Universidade de Lisboa através de mais um FATAL-Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa, este ano na sua 17ª edição.

O FATAL dá, assim, continuidade à sua missão de promover e divulgar o teatro universitário português, uma das atividades extracurriculares de pleno significado sociocultural e histórico no nosso meio académico, não só pela sua notável qualidade e tradição, mas igualmente pelo nível de adesão dos estudantes, pela qualidade dos trabalhos apresentados e a longevidade de muitos grupos de teatro.

O FATAL testemunha, desde 1999, muitos percursos das mais diversas figuras de proeminência histórica, política e cultural do nosso país. O FATAL é uma oportunidade de homenagear e reconhecer o trabalho de pessoas e de entidades ligadas ao teatro universitário. Este ano homenageia o GEFAC, o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra, que comemora o seu 50º aniversário. É fundado como organismo autónomo da Associação Académica de Coimbra, em 1966, com o propósito de recolher, analisar e interpretar as manifestações culturais, individuais e coletivas, das populações rurais nas suas diversas vertentes, desenvolvendo, desde a sua fundação, um exaustivo trabalho de recolha, tratamento e divulgação das manifestações tradicionais portuguesas. O teatro é uma das vertentes trabalhadas pelo Grupo, que desde a década de 70 se dedicou ao tratamento, estudo e divulgação do espólio resultante da recolha de peças de Teatro Popular Mirandês.

Uma palavra final para agradecer a participação dos grupos nacionais e estrangeiros que integram esta 17ª edição do FATAL, e para valorizar o teatro feito na Universidade de Lisboa, nas suas várias Escolas e nos projetos apoiados diretamente pela Reitoria.

GEFAC DESDE 1966 ATÉ 2016

Ana Paula Guimarães
Professora da FCSH da UNL

[Turismo]: -- Boa tarde! Você é que é o Senhor Folclore?

Folclore: -- Sou. E o cavalheiro quem é?

[Turismo]: -- Turismo. Eu chamo-me Turismo.

Folclore: -- E em que posso ajudá-lo?

[Turismo]: -- Em nada, meu pobre velho. Eu é que venho ajudá-lo a si. Tenho ouvido falar muito no senhor, no seu valor e estou aqui para o levar comigo para a capital. Mostrar-lhe todo o país, dar-lhe a conhecer todo o país, dar-lhe a conhecer novos mundos.

Folclore recusa-se a viajar “por tão pouco”. Turismo pergunta-lhe se tem família e ele responde que tem mulher e filho e revela os nomes respectivos: ela, Povo e a criança, João Povo.

Eis um extracto do espectáculo “O Velho” (apresentado, em 1965, pelo extinto Grupo Universitário de Danças Regionais), sobre um texto de Laborinho Lúcio, professor, juiz, eternamente apaixonado pelo teatro, admirador e cúmplice de GEFAC, segundo as suas palavras (em relação à vida, alargadas aqui ao ‘seu/nosso/vosso’ querido palco), sempre “um[a forma de] começo permanente”.

De facto, ao que temos vindo a assistir ao longo de 50 anos, GEFAC cria, concebe; recria, refaz e ajesta; recolhe e agasalha; restitui, inventa compondo, reinventa, re-re-re-inventa (por três vezes, como nas histórias tradicionais)... matérias susceptíveis de subir ao palco e de se apresentar como CENAS através de gente que assim conquista o estatuto de ACTOR e ACTRIZ – sempre “fiando com paciência o leito em que correm a tradição e a memória”. Imaginando a entrada através do chamado “pano de boca”, no piso onde as personagens dialogam, o tempo traz-se “cerzido no corpo”, “pesa, passa” e “emprenha o chão de que sempre nos erguemos, como um dia que não espera para nascer” (sinopse de Manhã, 2013).

Decorrem (correm, de facto: “as pessoas entram e saem cheias de pressa e de olheiras, o telefone não pára de tocar. É dia de estreia de um novo espectáculo”, conta Catarina Gouveia Alves) encenações em que se opta pelo canto, pela dança (vivenciadas em aldeias, junto de comunidades rurais) e pelos gestos quotidianos “compilando-os, distorcendo-os, aumentando-os, para assim brincar com o conceito da velocidade corpórea inerente a todos os espaços urbanos”. De modo inovador, GEFAC visa explorar “as potencialidades expressivas dos gestos, hábitos e danças tradicionais, frequentemente associados ao mun-

do rural, para revelar o seu ponto de fusão com aqueles que se sentem ser os ritmos do quotidiano urbano.”

No programa deste espectáculo, intitulado Você está aqui, estreado em 2009, refere-se a importância da valorização de “aspectos relacionados com a contaminação do rural pelo urbano” bem como a forma de “procurar a ruralidade em contexto urbano e a urbanidade em contexto rural.”

E prossegue esta reflexão na gestação do espectáculo:

“Quem sabe se desta vertigem de linguagens não se descobre, afinal, um mesmo corpo, contador de histórias e confessor de memórias... Dessas que se levam, distraidamente, nas viagens entre os lugares e nas quais já perdemos o mapa.”

Histórias contadas “sobre o tampo de uma mesa” (A água dorme de noite, 2005), festas (das Sete Luas, 2000), comédias (A Comédia do Verdadeiro Santo António, 2007), celebrações, encantos, maldições, formas de “espantar males”... Sempre, a “cultura como luta” e o público a perder-se na teia (Bicho Gente e Outros Quebrantos, 2011).

Desde a sua fundação, segundo relatos pessoais, em 1966, GEFAC foi crescendo em inúmeras actividades, registos e/ou encenações, ora se especializando, ora se multiplicando em acções, gestos, vozes: poesia de Manuel Alegre, Mário de Andrade, Jorge Luís Borges, poesia anónima, teatro de António Aleixo (Auto da Vida e da Morte, estreado a 1 Abril de 1970), espectáculo a 15 Maio desse mesmo ano, em Castelo Branco, aquando da detenção de Mena Delgado da direcção do GEFAC por “distribuir propaganda subversiva”... até chegar a meados dos anos 70 e apresentar um espectáculo que tinha como mote o texto O Povo de Eça de Queiroz, referido pela próprio grupo como “muito marcante”.

Produções e debates desencadearam interesse em trabalhos sobre a emigração, pescadores da Nazaré, gente reclamando reflexão, mais ou menos discreta ou declaradamente.

Denúncia de situações injustas e acções de solidariedade: em Abril de 1977, aconteceu um espectáculo no Teatro Gil Vicente em Coimbra a favor do Bairro da Relvinha; em Janeiro de 1980 a favor das vítimas do sismo na Ilha Terceira. O que quererá isto dizer? Investigar, expor e encenar sempre foi e continuará sendo uma feição importante dessa vontade de pertença das ‘gentes’ de GEFAC.

Entretanto as recolhas prosseguem: Moinhos, Taveiro, Portalegre, Figueiró dos Vinhos, Seia, Gouveia, em 1972; em Novembro de 1974, a primeira recolha de Teatro Popular em Ifanes,

Póvoa (Trás-os-Montes). E digressões (França, União Soviética, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, Inglaterra), gravações, participação em Programas da Rádio e Televisão, em Portugal e no estrangeiro.

Interessados em aprender com grandes mestres, entrevistam Fernando Lopes Graça, em 1993 (veja-se em www.memoriamedia.net), dedicam as suas Jornadas de Cultura Popular ao estudo do repertório de etnógrafos e etnomusicólogos como Michel Giacometti e Ernesto Veiga de Oliveira, criam espectáculos inspirados nessas aprendizagens que levam a cena por todo o país e também em várias digressões internacionais.

Por aí fora, tudo engrandece GEFAC: desde a notável publicação da obra Teatro Popular Mirandês, textos de cariz profano (em 2003) e de cariz religioso (em 2005), até I-XV Jornadas de Cultura Popular (a primeira em 1979 até à décima quinta em 2014, ameaçando prosseguir) culminando em merecido prémio em 2011- FATAL.

Subsiste uma questão já colocada pela equipa: “Este é o país que herdámos e aquele em que o folclore (contado, dançado ou representado) viveu. Será o folclore apenas alegria?” E quando ‘vira’ turismo, sobrevive cheio de ânimo e vigor?

Eis uma reflexão oferecida, algures, também por GEFAC:

Vai-se um homem e vai com ele

A marca de uma raiz

Vai com ele a cicatriz

De um lugar que está vazio

Leva gravado na pele

Uma aldeia, um campo, um rio.

Mais ou menos ferido, transportando consigo tradições imemoriais, há que seguir adiante. Ser-sempre-jovem e ir brincando – à maneira de Laborinho Lúcio – com o passado e o futuro que deixa atrás de si.

As luzes apagaram-se e a cortina fechou. Empenhadamente, daqui a pouco abrirá outra vez.

Lisboa, 15 de Abril de 2016

O texto aqui publicado está escrito com a ortografia anterior ao Acordo Ortográfico.

